

Aprendizagem no futebol: reflexões a partir de relatos da infância de ex-jogadores

Palavras-Chave: futebol, aprendizagem, pedagogia do esporte

Autores/as:

Thomas Guido Fischer, UNICAMP
Prof. Ms. Luis Felipe Nogueira Silva, UNICAMP
Prof. Dr. Alcides José Scaglia, UNICAMP

INTRODUÇÃO

A partir de um corpo de conhecimentos já produzidos pela Pedagogia do Esporte, a presente pesquisa procurou contribuir na construção de respostas para a seguinte questão: como os jogadores profissionais de futebol aprenderam a jogar bem futebol?

Os achados, referentes a esses processos de aprendizagem, apontam para a existência de uma teia complexa de interações entre o indivíduo e o ambiente em que está submetido. (SCAGLIA; REVERDITO, 2016; NOGUEIRA SILVA, 2020; SILVA; LEONARDO; SCAGLIA, 2021). Os chamados *ambientes informais de aprendizagem* são de grande importância; pois contribuem de forma significativa no desenvolvimento de habilidades (FORD et al., 2009; ROCA et al., 2012), já que se caracterizaram como espaços lúdicos, ou seja, que garantem a liberdade de expressão (SCAGLIA, 2011, 2014; MACHADO et al., 2019). A Pedagogia da Rua, por exemplo, processo de aprendizagem pautada no jogo e marcado pela ludicidade, ocorre exatamente nestes ambientes informais e seus estudos salientam a importância destes espaços no desenvolvimento de uma cultura futebolística no Brasil, protagonizada

por jogos e brincadeiras de bola com os pés. (FREIRE, 2011 SCAGLIA, 2011; SCAGLIA, 2021).

Articulando estes conhecimentos com a conceituação de cultura lúdica - conjunto de brincadeiras e de formas de brincar, dinâmica e co-construída ao longo do tempo (BROUGÈRE, 2002) – consideramos importante investigar como foi o período da infância de ex-jogadores de futebol profissional, no que tange, sobretudo, ao inventário de jogos e brincadeiras que realizavam e dos ambientes onde brincavam, com a hipótese de que estas vivências poderiam nos fornecer elementos importantes para discutir o processo de aprendizagem do futebol.

METODOLOGIA:

A pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo-exploratório, ou seja, além de escrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVINOS, 1987), existiu a preocupação de investigar o problema e familiarizar-se com ele, a fim de torna-lo mais explícito. (GIL, 2007).

Pode-se dividir a pesquisa, didaticamente, em dois momentos: primeiro, a realização de entrevistas

semiestruturadas, a partir da metodologia da História Oral (ALBERTI, 2005; SILVEIRA, 2007); segundo, a análise dos relatos obtidos, conforme o método da Análise de Conteúdo. (BARDIN, 2011).

Foram realizadas 5 entrevistas – via plataforma Google Meet – com ex-jogadores profissionais de futebol, seguindo um roteiro de perguntas semiestruturado.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas; em seguida, cada entrevistado recebeu uma devolutiva com a transcrição da conversa, para confirmar a validade e permitir a análise dos relatos, reforçando o acordo expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na aplicação da Análise de Conteúdo aos relatos, emergiram 5 categorias - evidenciando a faceta indutiva da pesquisa. São elas: (1) Jogos/Brincadeiras que faziam; (2) Locais que brincavam; (3) Com quem brincavam; (4) aprendizados que tiveram; (5) Influências que tiveram.

Com as categorias estabelecidas, realizou-se uma discussão relacionando trechos dos relatos com o marco teórico sustentador da pesquisa, bem como com outros referenciais que permeiam o tema da aprendizagem do futebol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Encontraram-se, nas falas dos ex-jogadores entrevistados, diferentes elementos que evidenciaram como ocorreram os processos de ensino-aprendizagem destes indivíduos no futebol. Em meio a cultura lúdica inventariada notou-se a presença de diversos jogos e brincadeiras, como pega-pega, esconde-esconde, bolinha de gude, subida em árvore, soltar pipa, guerra de lama, etc.

Destaca-se, entretanto, o fato de que, para todos os entrevistados a bola era o brinquedo favorito e mais utilizado nas brincadeiras do cotidiano. O entrevistado 1, por exemplo, afirma: “com certeza o que eu mas fazia e gostava de fazer era jogar bola”; enquanto o entrevistado 2 comenta que “era bola todo dia. (...) era a tarde toda chutando bola.” E foram diversos os jogos/brincadeiras de bolas com os pés citados: embaixadinha, 1x1, 2x2 + goleiro, 3x3, altinha, dois sem coxa, chute a gol, driblinha, rebatida, controle, pelada.

Interessante que, todos os ex-jogadores deram indícios de que foram desenvolvendo habilidades, na medida em que realizavam os jogos/brincadeiras de bola com os pés. (FREIRE, 2011; SCAGLIA, 2011). Fato exemplificado em uma fala do entrevistado 3: “(..) na *reba* era legal, porque você tinha que bater na bola para bater o pênalti, então ‘agora eu só quero mirar no travessão’; ‘agora eu só quero mirar na trave’, querendo ou não, isso estimulava a direcionar o passe, o chute; a chutar com o lado interno, externo, com o peito do pé”.

Outro elemento fundamental é a presença marcante dos ambientes informais. Campinho de terra na vizinhança; rua com gol improvisado, quintal ou garagem de casa; quadra de areia improvisada; espaço qualquer na escola – durante o recreio; são exemplos de locais relatados onde os jogos/brincadeiras ocorriam. Porém, mais do que o espaço físico, o ambiente informal se caracteriza pela ausência de um professor conduzindo a tarefa e pela presença marcante do ambiente de jogo e da ludicidade, fornecendo liberdade para que os jogadores se expressem, tanto na criação e manipulação dos jogos quanto na forma como valem-se de seus corpos para jogar. (SCAGLIA, 2011, 2014; MACHADO et al., 2019; FABIANI et. al, 2021).

Na observação dos relatos notou-se, também, a presença de uma pequena sociedade dos jogos. (REFERENCIA?) Isto é, um grupo de indivíduos que se formava para jogar/brincar. Conforme trecho extraído da fala do entrevistado 3, vê-se que o conjunto geralmente era formado por crianças vizinhas, que por vezes frequentavam a mesma escola: “morávamos um próximo da casa do outro, né? (...) eram quatro ruas, uma bem pertinho da outra, era muita casa e ali tinha muita criança. (...) E o que a gente ia fazer? Jogar bola, né?”. O mesmo entrevistado chega a afirmar que o próprio grupo construía as traves e realizava a “manutenção” do campinho onde jogavam. Constata-se, também, que era comum a interação entre crianças de idades diferentes; e um elemento interessante, nesta perspectiva, é uma certa preferência dos entrevistados em, naquela época, jogar com os mais velhos. O entrevistado 1 afirma que aprendia observando-os: “eu me lembro de olhar sempre um piá lá que era mais velho (...), eu ficava ‘caraca, esse cara joga bem’. Eu acho que sempre fui muito observador, de ficar vendo o que os outros faziam e de alguma forma tentava imitar”.

Como último destaque a fazer, está a influência sofrida pelos ex-jogadores, ainda meninos, por seus familiares. Quer dizer, tios, avós e pais aparecem como influências significativas para o gosto pelo futebol, de modo que os entrevistados tenham dificuldade para precisar o momento em que passaram a gostar do esporte ou a ter o contato com a bola. Desde muito novos – 5 ou 6 anos – a bola já estava presente e já tinham experiências acompanhando familiares para jogar ou torcer pelos seus times. Isto evidencia, inclusive, a influência da cultura brasileira, intimamente ligada ao futebol e na qual estes sujeitos cresceram, nesta

aproximação dos, ainda meninos, com a prática do esporte. Um trecho do entrevistado 4 exemplifica isto: “meus tios são flamenguistas, aqueles fanáticos, e acompanhavam a geração de Zico, né? (...) Inclusive, eu sou flamenguista, até por causa disso, e ali eu fui passando a gostar (do futebol).”

CONCLUSÕES:

Os resultados obtidos demonstraram que, conforme tem sugerido a literatura em Pedagogia do Esporte que sustenta o nosso marco teórico, os ambientes informais são fundamentais na aprendizagem do futebol, uma vez que a cultura lúdica de ex-jogadores profissionais, co-construída nestes ambientes, é protagonizada por jogos/brincadeiras de bola com os pés; e que estes, tão praticados em uma cultura futebolística como a do Brasil, possuem um potencial pedagógico, reconhecido inclusive, por vezes, pelos próprios jogadores.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. [Org.]. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

FABIANI, DÉBORA JAQUELINE FARIAS; SILVA, LUIS FELIPE NOGUEIRA; GÓES JÚNIOR, ALBERTO LOBATO; LIMA JÚNIOR, JOÃO BOSCO GOMES; SCAGLIA, ALCIDES JOSÉ. Brincar na pandemia: implicações para a Educação Física a partir do inventário da cultura lúdica. Educación Física y Ciencia, vol. 23, núm. 4, e197, 2021. Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

FORD, P. R.; WARD, P.; HODGES, N. J.; WILLIAMS, A. M. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: The early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MACHADO, J. C.; BARREIRA, D., GALATTI, L. R.; CHOW, J. Y.; GARGANTA, J. M.; SCAGLIA, A. J. Enhancing learning in the context of Street football: a case for Nonlinear Pedagogy. *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 24, n. 2, p. 176-189, 2019.

NOGUEIRA SILVA, L. F. A epistemologia do professor: questões didático-metodológicas no ensino da educação física. 2020. 195p. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade), Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.

ROCA, A.; WILLIAMS, A. M.; FORD, P. R. Developmental Activities and the Acquisition of Superior Anticipation and Decision Making in Soccer Players. *Journal of Sports Sciences*, v. 30, n. 15, p. 1643-1652, 2012.

SCAGLIA, A. J. *O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés*. São Paulo: Phorte, 2011.

SCAGLIA, A. J. *Pedagogia do futebol: construindo um currículo de formação para*

iniciação ao futebol em escolinhas. In: PICOLLO, V.; TOLEDO, E. *Abordagens Pedagógicas do Esporte: modalidades convencionais e não convencionais*, p. 16-67. Campinas: Papirus, 2014.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. Perspectivas pedagógicas do Esporte no século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org.). 17ª ed. *Educação física e esporte no século XXI*. Campinas: Papirus, 2016.

SCAGLIA, A. J. *Pedagogia, futebol... e rua*. Goiânia: Talu, 2021. [E-book].

SILVA, L. F. N.; LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. S. Epistemologia da prática pedagógica na Educação Física e esporte: mapeamento a partir de um instrumento metodológico. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 25, n. 274, 2021.

SILVEIRA, E. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: história e cultura*, v. 6, n. 12, p. 35-44, 2007.

SILVEIRA, E. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: história e cultura*, v. 6, n. 12, p. 35-44, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.